

De Port-Said a Suez

Carta sobre a inauguração do Canal de Suez

Em 1869 Eça de Queiroz encontrava-se no Egipto na companhia do seu amigo conde de Rezende. Assistiu à inauguração do Canal de Suez deslocando-se a bordo do Fayoum. Vale a pena saborear a carta sobre acontecimento, que Eça de Queiroz enviou ao *Diário de Notícias*, no português da época.

I

« Snr. Redactor: - Accedo da melhor vontade ao seu desejo de que lhe escreva a historia real das festas de Suez. Conto-lhe, porém, simplesmente e descarnadamente, o que me ficou em memoria d'aquelles dias confusos e cheios de acontecimentos, tanto mais que as festas de Suez estão para mim entre duas grandes recordações - o Cairo e Jerusalem: estão abafadas, escurecidas por estas duas luminosas e poderosas impressões: estão como pode estar um desenho a lapis, entre uma tela resplandecente de Decamps, o pintor do Alcorão, e uma tela mortuaria de Delaroche, o pintor do Evangelho.

Talvez em breve diga o que é o Cairo e Jerusalem na sua crua e positiva realidade, se Deus consentir que eu lhe escreva o que vi na terra dos seus Prophetas. Hoje faço-lhe apenas a narração trivial, o relatorio chato das festas de Port-Said, Ismailia e Suez.

..... Tínhamos voltado, eu e o meu companheiro, o conde de Rezende, d'uma excursão ás Pyramides de Gizeh, aos templos de Sakkara e ás ruínas de Memphis, quando no Cairo soubemos que estavam na bahia de Alexandria os navios do Khediva que deviam levar-nos a Port-Said e Suez.



Vista da baía de Alexandria

Vinhamos do socego do deserto e das ruínas, e logo na gare do Cairo, ao partir para Alexandria, começámos a envolver-nos, bem a custo, n'aquella confusão irritante que foi o maior elemento de todas as festas de Suez. A providente penetração da

policia egypcia tinha esquecido que trezentos convidados, ainda que não tenham a corpulencia tradicional dos pachás e dos visires, não pódem caber em vinte lugares de wagons, estreitos como bancos de réos. Por isso, em volta das carruagens, havia uma multidão tão avida como no saque de uma cidade. Jonas Ali, o nosso drogman, um nubio, intrigou, conspirou, clamou e alcançou-nos n'uma carruagem de segunda classe, miseravelmente desmoronada, dous lugares empoeirados.

*Confesso que foi com o maior tedio que comecei a atravessar a magnifica natureza do Delta. Demais, os caminhos de ferro egypcios não teem velocidade fixa. Vão aos caprichos do machinista, que, de vez em quando, pára a machina, desce, accende o cachimbo, ri com algum velho conhecimento de estrada, sorve minuciosamente o seu café, torna a subir bocejando, e faz partir distrahidamente o comboio. N'esse dia, porém, o ar estava nublado, chuvoso; o machinista levou-nos rapidamente a Alexandria. Na bahia esperavam o **Marsh**, o **Fayoum**, o **Behera**, navios do Pachá. O embarque fez-se com a confusão habitual, complicada com os embaraços d'um mar agitado: os barcos iam cheios de gente, uns de pé, outros sentados na borda, roçando pela agua, outros gravemente equilibrados sobre a accumulção pittoresca das bagagens: ria-se, fulminava-se a organização e a policia das festas, gritava-se um pouco quando os barcos pesados oscilavam mais inquietadoramente. Nós subimos para o **Fayoum**, que devia levantar ferro n'essa tarde, apesar do tempo contrario e dos mares que viamos partir de longe na linha de rochedos, que precede a bahia de Alexandria. E ao outro dia, por uma bella manhã, entrávamos em Port-Said por entre dous grandes molhes que se adiantam parallelamente pelo mar, feitos de poderosos blocos de pedra solta. Port-Said é uma cidade improvisada no deserto. É uma cidade de industria e de operarios: estaleiros, forjas, serralharias, armazens de materiaes, aparelhos distillatorios. A sua construcção foi determinada pela necessidade de haver um vasto porto, que fôsse uma estação de navios, á entrada do canal, e primitivamente para que engenheiros, machinistas, directores de obras tivessem um centro. Isto dá-lhe um aspecto de cidade provisoria. Como havia espaço, as ruas são largas como praças e compridas como avenidas: as casas são baixas, de materiaes ligeiros: sente-se a construcção rapida e a incerteza da duração. Apesar dos seus doze mil habitantes, não ha ainda alli um viver definitivo e regular. Não ha estabelecimentos feitos na esperança de duração: Não ha commercio fixamente estabelecido: tudo tem o aspecto d'uma feira, que hoje ganha e se anima, e ámanhã se levanta e se dispersa. E isto porque, apesar da confiança de toda a população na properidade do canal, nenhuma profissão, nenhum negocio se quer arriscar a estabelecer-se d'um modo definitivo, correndo o perigo de vêr aquelle começo de cidade estiolar-se e morrer miseravelmente. Pois tal seria a sorte de Port-Said, bem como de Ismailia, se o canal fôsse uma inutilidade, abandonado do commercio e da navegação.*

A sua construcção resente-se, pois, d'estas circumstancias: nem edificios, nem monumentos, nem habitações solidas e serias: tudo é ligeiro, barato, temporario. A igreja catholica é como uma grande barraca: vê-se o céu azul atravez do seu tecto feito de grandes traves mal unidas. D'ahi o aspecto triste de Port-Said. No fim das festas, tempo depois, quando alli tornei a passar, em viagem para Jerusalem,

*pareceu-me pela apathia de vida, pelo silencio, que o deserto começava de novo a apparecer por entre aquella fraca apparencia de cidade. Mas n'aquelle dia 17, da inauguração, Port-Said, cheio de gente, coberto de bandeiras, todo ruidoso dos tiros dos canhões e dos hurrahs da marinhagem, tendo no seu porto as esquadras da Europa, cheio de flamulas, de arcos, de flores, de musicas, de cafés improvisados de barracas de acampamento, de uniformes, tinha um bello e poderoso aspecto de vida. A bahia de Port-Said estava triumphante. Era o primeiro dias das festas. Estavam ali as esquadras francezas do levante; a esquadra italiana, os navios suecos, holandezes, allemães e russos, os egypticos, a frota do pachá, as fragatas hespanholas, a **Aigle**, com a Imperatriz, o **Mamondeh** com o kediva, e navios com todas as amostras de realeza, desde o imperador christianissimo Francisco José, até aos kediva arabe Ábd-el-Kader. As salvas faziam o ar sonoro. Em todos os navios empavesados e cheios de pavilhões a marinhagem prefilada nas vergas saudava com vastos hurrahs. De todos os tombadilhos vinha o vivo ruido das musicas militares. O azul da bahia era riscado em todos os sentidos pelos escaleres, a remos, a vapor, à vela: almirantes com os seus pavilhões, officialidades todas respladencentes d'uniformes, gordos funcionarios turcos afadigados e apopleticos, viajantes com os chapéus cobertos de veus e de couffis, cruzavam-se ruidosamente por entre os grandes navios ancorados; as barcas decrepitas dos arabes, apinhadas de turbantes, abriam as suas largas vellas d'azul. Sobre tudo isto o ceu do Egypto d'uma côr, d'uma profundidade infinita. Á noute a cidade illuminava-se, enchia-se de musicas, de festas populares. As esquadras tinham as suas armações e cordagens, cobertas de fios de luz. Durante toda a noute os fogos d'artificio n'uma grande linha de terra, faziam sobre o ceu escuro, grande bordado luminoso.*

Na bahia havia um viver completo, como n'uma cidade: bailes a bordo dos navios, jantares, visitas trocadas, recepções, passeios a remo, serenata dos escaleres. De tudo isto saía uma luz, um ruido um fluido de vida poderosamente original. Havia em Port-said um café cantante memorável pela excentricidade da sua alegria: estava tão cheio de gente que era necessário fumar, beber, ouvir, de pé, suffocado, hirto. Quando no palco aparecia a atriz para dizer a sua canção, as mil vozes d'aquella imensa multidão, acompanhadas pelo tenir cadênciado dos corpos, do bater dos pés, dos assobios, dos uivos, dos gritos, começava repetindo com estrondo assombroso, a canção conhecida da atriz. Era bestial e extraordinário. No dia seguinte ao da chegada descemos todos a terra para a cerimónia da inauguração. Do lado opposto aos molhes, para além da cidade, tinham-se construído três pavilhões, estrados tapetados e blasonados, sobre a areia húmida da espuma do mar. Era n'esse logar a celebração religiosa: os ulemas e os padres christãos deviam abençoar e consagrar nos seua ritos o canal de Suez. Um grande cortejo de convidados, precedido dos principes, entre os quaes sobresaia a pensativa e bella figura de Abdel-Kader, dirigiu-se para esse logar; entre duas fileiras de soldados egypticos, de arcos, de bandeiras, e de arabes que abriam grandes olhos. No pavilhão principal, de côres triumphantes, collocavam-se os convidados reaes e imperiaes e os mais que podiam caber: no outro pavilhão estavam os ulemas mahometanos, no terceiro os padres latinos, gregos, armenios e coptas.

Quando todos tomaram os seus lugares e o grande rumor da chegada se acalmou, os ulemas prostraram-se, voltados para o lado de Méca, os padres christãos começaram a missa, a artilheria salvou nas esquadras. Entretanto a multidão apinhava-se sobre a arêa humida e em volta dos estrados; a grossa figura vermelha do Khediva estava radiosa, a Imperatriz tinha um ar de satisfação discreta, o Snr. de Lesseps tinha o seu bello e intelligente sorriso. Em redor e até ao fundo horisonte, o mar sereno reluzia. Quando a artilheria findou, Mr. Bauer adiantou-se á beira do estrado e fallou. Mr. Bauer é um homem baixo, pallido, de cara feminina e larga, cabellos pendentes em anneis sobre os hombros, asseado, barbeado, perfumado, delicado e com uma voz assombrosa. O que elle dizia era palavras de fraternidade entre o Oriente e o Occidente, esperanças de uma humanidade mais unida por aquella ligação maritima, palavras affaveis aos convidados reaes, e recordações piedosas dos corajosos trabalhadores, que durante aquella obra de lucta morreram obscuramente. Quando elle disse o nome do Snr. de Lesseps, toda a immensa multidão bateu as palmas. Mr. Bauer findou, e o cortejo voltou á praia e dispersou-se pelos navios. Durante toda a noite os fogos de artificio, os clamores alegres da cidade, o ruido dos escaleres, as musicas, encheram a bahia de vida. Ao outro dia os navios começaram a mover-se lentamente, voltando a prôa para um ponto da bahia de Port-Said, onde se erguiam, como os dous humbraes de porta, dous obeliscos de madeira pintados de vermelho. Era a entrada do canal de Suez. »

II

*« Entretanto corriam por todos os navios estranhos boatos. Dizia-se que o **Latife**, pequeno vapor que na vespera tinha partido como explorador, encalhára; que os navios reaes e imperiaes, os vapores egypticos com os convidados, não podiam passar na estreiteza do canal, e que apesar de alijados da sua artilheria, e sem lastro, pediam mais agua do que o canal tinha de profundidade; que o vice-rei e o Snr. de Lesseps tinham partido para vêr o **Latife**; que se resolvêra, em ultimo caso, fazel-o saltar: que as festas cessavam, e tudo regressava a Alexandria, como no tempo das derrotas d'Actium.*

*Em Port-Said e a bordo dos navios havia inquietações: os commisarios, as officialidades, os engenheiros, interrogados, calavam-se discretamente, esperavam ordens de Ismailia - e receavam. Com efeito o **Lafite** estava encalhado. Isto, em primeiro lugar, demonstrava a impraticabilidade do canal: o **Lafite** é um pequeno vapor, estreito, calando pouco, quasi um rebocador. Além d'isso, era um obstaculo material, brutal, a que os outros navios fizessem uma tentativa corajosa. Dizia-se que o vice-rei estava desolado, que o Snr. de Lesseps perdêra a sua habitual e impassivel firmeza de espirito, e que se telegraphára para Paris annunciando o resultado desastroso. Realmente, depois de dez annos de tantos esforços e tantas luctas, tantos combates com o deserto e tantos combates com a intriga, depois de tantos ilhões sorvidos pelas arêas, de tantas vidas aniquiladas, de tantas festas annunciadas, depois das benções do Snr. Bauer e das ovações ao Snr. de Lesseps, era*

doloroso vêr findar tudo repentina e vergonhosamente, verificar-se que n'um canal feito para a navegação não cabiam navios, que aquillo era uma obra ridiculamente grandiosa, e que, em lugar de tudo terminar em triumphos, tudo terminava am gargalhadas! Estivemos n'estas incertezas parte do dia. Esperava-se o vice-rei, que fôra n'um pequeno escaler ao canal vêr o desastre do **Latife**. Enfim, pelo começo da tarde, os navios começaram a mover-se, as inquietações findaram, o vice-rei voltava, o **Latife** estava desencalhado, a **Aguia** seguia já, e a obra do Snr. de Lesseps começava a justificar-se.

O **Fayoum**, então, penetrou corajosamente no canal. O **Fayoum** era o maior navio do cortejo. Caminhava-se com grande cuidado: no meio do canal bandeiras brancas marcavam precisamente a linha que deviam seguir os navios, para acharem a necessaria profundidade d'agua. Conservavam-se minuciosamente em distancia; ia-se devagar, sondando; havia mais cuidados e escrupulosos receios, do que na navegação d'um labyrintho de rochas. Na realidade, o canal apparecia-nos estreito, baixo, e a cada momento receávamos vêr a prôa do navio ir atufar-se nas arêas das margens elevadas. O canal ao sahir de Port-Said, atravessa o Mensaleh, antigo lago lamacento. Nós viamos de ambos os lados do canal reluzir ao sol aquella agua morta, pesada, esverdeada.

Foi esta a primeira grande difficuldade dos trabalhos. Era necessario, no meio d'aquelle largo lodaçal, abrir um canal navegavel e construir margens. As difficuldades cresciam com a insalubridade d'aquelles lugares miasmaticos. Felizmente, ao violento sol do Egypto, o lôdo, extrahido e amontoado, a fom de formar as margens, seccava rapidamente. Empregaram-se alli esforços heroicos. Os operarios da Europa desertaram d'aquelle trabalho perigoso. Era necessario empregar os habitantes das margens d'aquelle lago de lamas: estes entravam até á cintura na agua espêssa, tiravam com as mãos a maior quantidade de lôdo possivel, apertavam-n'o ao calor do peito até seccar, e iam-n'o enfileirando em pequenos monticulos, formando assim o começo das margens. As dragas vinha por fim e aprofundavam e aperfeiçoavam aquelle trabalho elementar.

Depois do lago Mensaleh, o canal entra definitivamente no deserto, até ao lago Timsah, á beira do qual está Esmailia. A maio do caminho de Ismailia, o **Fayoum** encalhou na arêa da margem direita, desembaraçou-se com grandes esforços, seguiu; mas, como a pouco espaço encontrasse o caminho obstruido por outro navio que estava encalhado, lançou ancoras durante a noite. Havia uma lua admiravel, que illuminava de um lado e de outro a extensão branca do deserto. Aquelle lugar onde estavamos parados tinha sido precisamente um dos mais difficeis do trabalho. Chamava-se El-Guisr. Havia alli enormes dunas de arêa, que era necessario remover. O vento do deserto incommodava e impedia os trabalhos. Viviam alli, em trabalho incessante, dezoito mil operarios. Da terra que se tirava para fazer o leito do canal formaram-se, de um lado e de outro, parapeitos enormes: á maneira que os parapeitos cresciam, mais difficil era conduzir-lhes acima a terra que se tirava; os arabes levavam-n'a, resvalando, rolando, cahindo, em cêstos chamados couffins; recusavam-se obstinadamente a empregar outro qualquer maio moderno e efficaz, para conduzir a terra, que não fôsse o couffin. Calculou-se que todos os cêstos empregados, sendo collocados em linha, dariam tres vezes a volta ao globo. Todavia

os parapeitos ainda não eram obstaculos bastantes contra o vento do deserto e contra a invasão crescente das arêas: fixavam-se paliçadas, elevavam-se muralhas de lama secca, faziam-se plantações numerosas e vivazes para impedir a fluctuação das arêas. N'aquella multidão de operarios reinava a mais absoluta ordem: alli, e em todo o percurso dos trabalhos, havia hospitaes, ambulancias, armazens: incessantes caravanas percorriam o deserto trazendo viveres. Os europeus, logo ao principio, esmagados pela immensidade e estranheza do trabalho, desertaram. Vinha então gregos, dalmatas, armenios, arabes. Todas as raças, todas as linguas, todas as religiões alli se reunião. Do interior do deserto corriam as tribus de beduinos a pedir trabalho. Havia enormes acampamentos.

O Snr. de Lesseps andava sempre no caminho dos trabalhos, no seu bello dromedario branco, envolto no burnu arabe, acclamado pelos operarios. Aquellas pobres raças da planicie e do deserto estavam fascinadas por duas cousas novas para ellas, - o ganho pelo trabalho e a agua abundante!

Nada restava agora d'aquelle grande movimento, senão, a grandes espaços, algum abarracamento levantado á beira do canal, d'onde os operarios vinha saudar com grande ruido a passagem dos navios.

Ao outro dia pela manhã entrávamos, ao ruido das salvas, no lago Timsah. No fundo viamos a cidade de Ismailia, Era alli o centro das festas.



Canal de Suez em Ismailia

Ismailia é a capital do canal. É um porto admiravel, inaccessible ás tempestades, á simples agitação da agua; não porto de passagem como Port-Said ou Suez, mas perfeita estação de descanso para a navegação do Oriente. Communica com o Egypto pelo caminho de ferro e pelo canal de agua dôce. Tem praças, largos, ruas de futura capital, Não é cidade rude e trabalhadora como Port-Said, cheio de officinas e operarios. É uma cidade cheia de chalets, de esboços de palacios, de passeios arborizados, de caes largamente construidos. Tem já os refinamentos civilizados d'uma capital; tem mesmo já uns pequenos ares de corrupção; as almeias exiladas do Cairo, refugiadas em Esneh no alto Egypto, teem-se vindo aproximando d'Ismailia. Tudo aquillo assenta, é verdade, sobre a arêa, e para os lado do deserto vive uma população arabe em toda a sua pittoresca miseria. Mas a sua collucação é excellente: confinada entre um deserto e um lago, tem para se abastecer o baixo valle do Nilo, a seis horas de distancia, e para communica com o mundo a

navegação do canal. Pela sua posição é um porto forçado, e o melhor do Oriente. Todos os paxás do Egypto teem tido, como os antigo tyrannos, o desejo de ligar a sua memoria á edificação de uma cidade: Mehemet-Ali, Said-Pachá, Abbas-Pachá, todos. A cidade que este ultimo original fundou, Abbasiade, ainda hoje está acabando de se desmoranar perto do Cairo, no caminha da antiga Heliopolis, n'uma vasta planicie deserta.

Ismail-Pachá será talvez mais feliz, e Ismailia poderá vir a ser a capital européa do velho Egypto, como Alexandria é a sua capital commercial, o Cairo a sua capital historica. »

III

« Ismailia estava invadida por uma extraordinaria multidão. Nos largos areas, para alem do caes, tinham-se contruido acampamentos para os viajantes que não vinham de Alexandria nos navios. Tinha-se improvisado hotéis semelhantes a grandes dormitórios. Havia pequenos vapores ancorados servinda para alojamentos. O aspecto da cidade n'aquelle dia era poderosamente vivo e original. Os regimentos egypcios tinham acampado junto do lago. Ao centro, n'um largo espaço que ha ao pé do canal d'agua dôce, estavam as tendas para os cheiks, que são os chefes das aldêas arabes, ou chefes das tribus do deserto. As tendas abertas por diante deixavam vêr os grandes lustres pendentes, os tapetes de Meca e de Damasco, onde se encruzavam as soberbas figuras dos cheiks, fumando gravemente o narguilé. Tinha-se estabelecido barracas enormes, onde, a todo o momento, se serviam a todos os convidados e a todos que entravam, refrescos, vinhos, saladas e jantares. Havia toda a sorte de jogos, de danças, de musicas. As tribus beduinas tinham acampado perto. Eu vi uma caravana beduina em descanzo no largo dos bazares: tinham cravado no chão duas lanças, e em volta os cavallos e os homens, figuras duramente esculpidas em bronze, altivamente enfaixadas nos albornozes, faziam um grupo estranhamente pittoresco. As largas ruas estavam cheias d'uma multidão ruidosa, colorida, original. Tinha vindas almeias da provincia de Fayoum, que debaixo das tendas celebravam as suas mysteriosas e estranhas danças. O imperador d'Austria e a Imperatriz tinham passeado por Ismailia, montados em dromedarios; depois d'isso as ruas estavam cheias de viajantes, equilibrados sobre as excentricas sellas dos camêlos e dos dromedarios. Havia por toda a parte tocadores, cantadores, feiticeiros, fascinadores de serpentes. Os beduinos formavam danças e luctas, e carreiras de cavallos. Alguns, de pé sobre os dromedarios lançados a galope, faziam toda a sorte de destrezas e de equilibrios, jogando a lança. Tudo isto era acompanhado pelas salvas constantes dos navios e pelos hurrahs das marinhagens. Á noite, tudo resplandecia. Por todos os largos estavam accesos grandes fogos. Via-se ao fundo do lago, atravez dos navios illuminados, brilhar phantasticamente a cidade, feita de pontos de luz. Os acampamentos estavam flammejantes. Em todas as tendas dos cheiks havia cantos de mulheres arabes acompanhados de darbouka. Os fogos de artificio estalavam por todo o ar. No meio de grandes grupos, entre um circulo de fachos enormes,

dançavam as almeias. em outros circulos alumiados, a multidão abria os olhos diante dos improvisadores arabes. A luz escorria por entre toda aquella multidão, tomada de alegria. Havia sobre a cidade e o lago aquelle forte rumor das festas, que é compostos dos cantos, das musicas, das vozes, dos applausos, tudo harmonicamente confundido, e que pela força da sua originalidade arranca oo homem para fóra da sua vida vulgar; com irritantes atracções. Tudo isto viamos nós ao atravessar a cidade, nas enormes carruagens que nos levavam ao grande baile de Ismailia, no palacio novo de Ismail-Pachá. O palacio cercado de jardins, tinha n'elles uma illuminação de gôsto oriental. Havia luzes espalhadas por todos os ramos d'arvores, entre as folhas das flores, na terra dos vasos. Sobre a herva estavam desenhados arabescos de luz d'um aspecto original. O canal d'agua dôce que corre ao pé, setava cheio de barcos illuminados, que passavam n'uma perpetua serenada. Ao começo da noite, entre as mesas, os arabes estendiam ás vezes a mão, mettiam os dedos nos pratos, e afastavam-se comendo desdenhosamente. Nas salas, o baile era apenas uma oscillação suffucada de corpos. O ouro bordado das fardas arranhava os hombros nus, e os enormes sapatos dos cheiks do deserto rasgavam os longos vestidos das lorettes. Não havia ordem, nem espaço, nem ar, nem alegria. Era brutal e pesado: fatigava. A maior parte da gente disperçou-se pela cidade, a vêr as illuminações e as festas populares.

Quando eu sahia, para ir a um café italiano, em companhia de alguns officiais inglezes, vêr as almeias de Beni-Ironef dançarem a dança da abelha, encontrei o Snr. de Lesseps, no peristyllo, que procurava anciosamente o seu paletot. Lesseps é uma figura delgada e nervosa, bigode curto e branco, e dous olhos que faiscam em negro, cheios de intelligencia e sinceridade. Tem uma physionomia e, sobretudo, um sorriso, que revelam tendencia para as concepções abstractas, mas firmeza nas difficuldades da vida. É diplomata, orador, engenheiro, financeiro e soldado. Tem de tudo isto, e esta harmonia de qualidades é o segredo da sua inquebrantavel força e do seu constante triumpho n'esta obra do Suez. Foi andando a visitar o deserto lybico, em companhia de Said-Pachá, então vice-rei, que elle resolveu, com apoio de Said, encetar a sua obra: desde então quantas luctas, já com a Inglaterra que intriga contra elle e que o diffama, já com a Turquia que lhe tira os seus trabalhadores, já com os capitaes que se retrahem diante dos seus planos, já com o deserto que contradiz a sciencia das suas theorias, já com o cholera que lhe destroe os seus operarios, quantas luctas, até que pudesse tranquillamente procurar o seu paletot, n'uma festa que celebrava o fim de tantos e tão asperos trabalhos! Ao meio da noite, quando eu vinha para bordo, as luzes morriam miseravelmente por toda a Ismailia e a sombra cobria o lago. Ao outro dia, a grande procissão dos navios sahia do lago Timsah, em direcção a Suez. Começava então já a vêr-se, ao lado do canal maritime, o canal de agua dôce - que vai indo quasi parallelamente com elle até Suez. A paisagem começa a ser d'uma uniformidade monotona: a fulva vastidão do deserto de ambos os lados do canal. O canal d'agua dôce é uma das maiores obras de Lesseps e um dos episodios mais notaveis da perfuração do isthmo. Os operarios do canal tinham de trabalhar no deserto. A primeira necessidade era a agua: um exercito de operarios não podia subsistir durante muitos annos apenas com agua trazida pelas caravanas. Ao principio, quando as obras estavam ainda

junto do lago Mensaleh, tirava-se a agua de alguns poços isolados, fazia-se vir da proxima cidade de Damietta, ou destillava-se a agua do mar. Mas, á medida que os trabalhos caminhavam para o centro do isthmo, as difficuldades appareciam. Não havia poços, nem agua do mar. Damietta estava longe. O tonel de agua começava a custar vinte e cinco francos. Demais, como vinha em caravanas, qualquer demora, qualquer transtorno lançava a sêde entre os operarios, e começavam as confusões sde trabalho. As inquietações sobre a agua cresciam. Então o Snr. de Lesseps resolveu ir ao Nilo, a trinta e cinco leguas, buscar agua dôce e trazel-a ao deserto por um canal que seguisse uma linha quasi parallela ao canal maritimo, costeasse os lagos Amargos, passasse ao pé das montanhas de Djebel, e fosse ter a Suez. O canal seria, assim, para uso dos operarios, para a irrigação d'aquelles terrenos aridos, e para a navegação de pequenos barcos. Nós viamos, com effeito, o canal dôce, cheio de velas, cujas pontas aguçadas e brancas saham acima das margens. Um dos episodios epicos do canal de agua dôce, foi a passagem das dragas. Foi necessario levar aquellas monstruosas machinas até ao pé dos lagos Amargos, para atacarem as arêas do Sérapeum. Fôram transportadas pelo canal de agua dôce. Centenares de homens iam-n'as levando á sirga, das margens. Mas aquellas enormes machinas a cada momento encalhavam, voltando-se ou, quando o vento era violentamente contrario, faziam força para traz. Para as tirar do lôdo, para as impellir, para as equilibrar, eram necesarios esforços sobre-humanos, onde succubiram muitos valorosos operarios.

Foi ao anoitecer que chegámos aos lagos Amargos. Toda a esquadra do cortejo ancorou aqui durante a noite. Havia uma lua esplendida, que enchia o lago de luz, e desenhava vagamente até ao horisonte as ondulações do deserto. »

IV

« Os largos Amargos são os restos do antigo golfo Héroopolita, aguas do mar Vermelho que vinham até aqui. Foi n'este lugar que passaram os hebreus, guiados por Moysés; foi aqui que ficaram sepultadas as legiões do Pharaós, quinze mil homens e mil e duzentos carros. Para o lado do Egypto, a lua branqueava uma vasta planicie: era Gessen, a terra dos Patriarchas. Os Pharaós tinha dado aquelle lugar aos hebreus, lugar então cheio de culturas e de searas, hoje coberto d'arêas. Foi d'alli que elles partiram em demanda de Canaan. D'alli tomaram para o sul, para os desertos da Arabia e do Sinai, para evitar o encontro dos exercitos egypcios. Moysés conhecia bem aquelles lugares. A sua mocidade tinha-se passado no isthmo. Demais, aquelle lugar era tradicionalmente a passagem dos que vinham da Syria, pela Chaldêa e pela Idumêa. Abrahão, Joseph, Jacob tinham alli passado nas suas viagens ao Egypto. Foi por alli tambem, mas um pouco mais ao norte, a pouca distancia do lago Timsah, que muitos seculos depois o descendente de tantos patriarchas e de tantos prophetas, Jesus, passou levado por sua mãe que fugia para o valle do Nilo. Os arabes mostram ainda hoje este lugar. Em quanto olhávamos aquelles lugares biblicos, os fogos de artificio estalavam por todo o ar. Ao outro dia pela manhã iamo-nos aproximando de Suez. Sahimos de vagar, porque

a maré do mar Vermelho já vinha contra nós. Foi esta questão de marés, e de desigualdade de níveis entre o mar Vermelho e o Mediterraneo, a origem de uma das grandes opposições que se fizeram ao canal.

Dizia-se que, segundo as sondagens feitas sob a direcção de Lepère em 1799, o mar Vermelho era nove metros mais alto que o Mediterraneo: dizia-se também que a obra era impraticavel, por causa das arêas movediças e dos ventos do deserto: dizia-se, por fim, que a navegação do mar Vermelho não podia, pela sua difficuldade, pelo seu perigo, constituir nunca um verdadeiro caminho maritimo. Uma commissão internacional foi ao isthmo esclarecer estas duvidas. Era uma legião de sabios, d'archeologos, d'engenheiros, de geologos.

Said-Pachá fez-lhe recepções reaes. Atravessaram o isthmo, nos seus estudos, de Suez a Péluse. Sondaram todas as enseadas, todos os lagos, estudaram todos os terrenos. Acamparam grandiosamente, e seguia-os uma caravana de cento e setenta camelos. Os arabes vinham de todos os pontos para ver passar aquelle estranho cortejo.

A commissão dissipou todas as objecções. O nivel dos dous mares foi declarado igual, por novas e mais perfectas sondagens; reconheceu-se que as arêas não eram um obstaculo: se as arêas trazidas pelo vento deviam sepultar o futuro canal, porque não tinham sepultado já os lagos Amargos, porque não tinham coberto as antigas ruinas, porque não tinham, ao menos, apagado os vestigios das caravanas da ultima peregrinação a Meca? Por ultimo, o mar Vermelho foi, contra os impugnadores do canal, declarado bom, como via maritima. O que tem de mau o mar Vermelho? Alguns rochedos. Não os tem o Adriatico? Não os tem a Mancha? Não os tem o Archipelago? O mar Vermelho tem ventos regulares; o mar Vermelho tem correntes conhecidas; o mar Vermelho tem a admiravel claridade das suas noites. Impede isto a nevação? Se o mar Vermelho foi d'uma navegação facil para as frotas de Salomão; se venezianos e portuguezes pudera, alli bater o turco, o que será hoje, com os meios scientificos de navegação, e com o vapor? Todas as objecções cahem de per si.

Nas margens do canal começávamos a vêr muitos acampamentos de operarios: vinha até quasi á agua bater as palmas aos navios que passavam, acenando com lenços e véos entre grandes hurrahs. Dos navios respondiam. Havia um forte sol: o deserto luzia até ao horisonte. Viamos á nossa esquerda o caminho das caravanas, que vão a Meca, a Medina, a Bagdad, e a Damasco na lata Syria. A Arabia, a Asia, ficavam, para além d'aquelle deserto. Do lado do Egypto, ao fundo do areal coberto de salinas, estava a escura e triste cidade de Suez. Para além estende-se o monte de Djebel Attaka, chamado do Libertamento, porque, quando as caravanas veem do deserto o avistam, é que estão fóra de perigo. Ao fundo, esbatida na pulverização de luz do horisonte, entrevia-se a cordelheira do Sinai. Ao meio dia entrávamos em Suez, no meio das salvas.

Suez é um cidade escura, miseravel, decrepita; é o começo de novas regiões; é já quasi a Asia e a India. Tem um aspecto mortuario: o cholera e a peste apparecem, com effeito, alli frequentes vezes.

Em alguns bairros arruinados, quasi deshabitados, conserva, porém, nas suas construcções desmoronadas, um notavel character da velha e pura architectura arabe.

De resto, a civilização européa começa a representar-se em Suez por cafés cantantes e por gourgandines de Marselha.

Suez tem tido até ha pouco tempo, um viver incompleto pela falta d'agua. Em Suez a agua era conservada em caixas de ferro, trazidas do Cairo. A agua da fonte de Moysés, que está a tres leguas, só a podem beber os camêlos. No tempo da chuva havia, além da do Cairo, alguma agua potavel a seis leguas de distancia. No tempo de calma a sêde era uma doença: havia mercados d'agua, onde os preços eram fabulosos, horriveis. Os ricos bebiam uma agua meio salubre. Os pobres bebiam a agua dos camêlos, ou morriam de sêde. Em Suez não havia (e ainda não há hoje) uma arvore, uma flor, uma herva. Havia gente que tendo sempre alli vivido, não fazia idéa da vegetação. Contava-se d'arabes de Suez, que, vindo ao Cairo pela primeira vez, fugiam das arvores como de monstros desconhecidos. Isto fez a raça dura, aspera, hostil. O canal d'agua dôce mudou esta face das cousas. A agua é gratuita e abundante. No dia em que a agua chegou a Suez, foi uma vertigem. Os pobres arabes não podiam crêr: mergulhavam-se n'ella, bebiam até lhes fazer mal, estendidos sobre as margens do canal, davam gritos de loucos. Alguns estavam aterrados e pasmavam da perda de tanta riqueza. A população gritava cheia de amor em volta de Lesseps, prostrando-se e beijando-lhe as mãos. E desde então, a cidade tende a reviver. Quando chegámos a Suez, separou-se aquella caravana de convidados que havia seis dias sahira de Alexandria.

Uns ficaram em Suez, outros foram para o Cairo. Nós fômos para as costas da Arabia, para os lados do deserto do Sinai vêr o oasis de Moysés. No Exodo diz-se: "E os filhos de Israel viéram depois a Elim, onde havia doze nascentes e setenta palmeiras". Eram estas doze fontes e setenta palmeiras que nós iamos vêr, passando o mar Vermelho n'uma barca arabe. Tinhamos feito a nossa peregrinação atravez do canal; a esquadra da Europa tinha as suas ancoras no mar Vermelho: a obra de Lesseps estava completa. Havia dez annos que um grupo de trabalhadores, n'uma segunda-feira de Paschoa, estava reunido na praia, no lugar que depois foi Port-Said; não havia nada n'esse lugar, senão a bandeira egypcia plantada sobre a arêa. Um homem sahiu do grupo, descobriu-se, e disse:

"Em nome da companhia de Suez, dou o primeiro golpe de alvião n'este terreno que abrirá ás raças do Oriente a civilização do Occidente."

E cavou a area com o alvião. O homem que disse aquellas palavras era o Snr. de Lesseps: e, como se vê, o seu alvião tem feito largamente o seu caminho. »